

# BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1343 - 09/05/2016 a 15/05/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SAFRA 2016/17

# JUROS TRAIÇOEIROS NO NOVO PAP

**Grãos**

Curso ensina  
classificação

**Diversificação**

Menos dependência,  
mais lucro

[www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br)

Caro leitor, bem-vindo à semana do “Tchau, querida”!

O Senado deve votar nesta quarta-feira, dia 11, a abertura de um processo formal de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff. Caso isso se confirme – e as previsões, com base nas declarações dadas pelos senadores até agora, vão nesse sentido –, a lei manda que ela se afaste do cargo por 180 dias ou até o julgamento definitivo.

Não é, portanto, o fim do processo. A lei, prudentemente, dificulta esse processo para evitar que pressões momentâneas levem a julgamentos sumários. Serão necessárias mais duas votações para que o afastamento se torne definitivo.

Vale lembrar que o que está em julgamento agora são as “pedaladas fiscais” – ou seja, o uso de crédito de bancos públicos sem o consentimento expresso do Congresso – que o governo Dilma cometeu, em especial em 2015, depois da reeleição. Mas o julgamento também deve colocar fim a uma política econômica degradante, que derrubou o PIB do país em uma época em que a maior parte do mundo está em plena recuperação. Que gerou 10 milhões de desempregados e levou à deterioração das contas públicas e a uma escalada dos juros como há anos não se via.

O campo se mobilizou em favor do impeachment, e vai continuar mostrando sua força. Temer, estamos de olho!

## Boa leitura!

# Índice

CAR _____	03
PAP 2016/2017 _____	04
Artigo - Zander Navarro _____	08
SENAR-PR _____	13
Formigas _____	14
Bem-estar - Gripe _____	16
Leite _____	18
Conjuntura - Safra _____	20
Diversificação _____	22
Codornas _____	25
Consecana _____	26
Notas / Fundepc _____	27
Eventos Sindicais _____	28
Via Rápida _____	30

## Expediente

### FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

**Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

**Fotos da edição 1343:** Fernando Santos, Agencia Brasil, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

# Na última hora, mudanças no CAR

Medida Provisória prorrogou o prazo para apresentação do cadastro, mas só para propriedades de até quatro módulos fiscais



No dia em que se encerraria o prazo para inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e adesão ao Programa de Regularização Ambiental (PRA), o governo federal publicou no Diário Oficial da União uma Medida Provisória adiando em um ano a data-limite – ou seja, até 5 de maio de 2017 –, mas apenas para propriedades de até quatro módulos fiscais (no Paraná, em média, 72 hectares). Ficam de fora, portanto, as propriedades maiores que 4 módulos fiscais.

A medida não agradou, por tratar de forma diferente os produtores rurais. “Estou indignadíssimo”, resumiu o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette. “Precisamos acabar com essa política dos nós-contra-eles. A Federação vai usar dos meios cabíveis para tentar barrar mais essa tentativa de dividir a sociedade brasileira”, disse.

## Emenda à MP 707

Em outra frente, foi aprovada no dia 4 de maio pela Câmara dos Deputados uma emenda à Medida Provisória 707/2015, que prorroga o prazo do CAR até 31 de dezembro de 2017, para todas as propriedades. O texto segue agora para o Senado Federal e também precisa ser aprovado no plenário. Depois disso, ainda vai depender da sanção da Presidência da República.

## Síntese

Final, o que mudou no CAR? Veja abaixo um resumo do quadro até agora.

**Pequena propriedade** – Ganhou novo prazo para inscrever-se do CAR e aderir ao PRA. Mudança vale para áreas de até 4 módulos fiscais. A nova data-limite é 5 de maio de 2017.

**Médias e grandes propriedades** – No atual cenário, elas podem continuar se inscrevendo, mas perderão a possibilidade de adesão ao PRA.

**Pode mudar de novo?** – A Câmara aprovou uma emenda, proposta pelo deputado Luiz Carlos Heinze (PP/RS) que estende o prazo até 31 de dezembro de 2017 para todas as propriedades. Propriedades acima de 4 módulos fiscais só terão os benefícios da prorrogação e da adesão ao PRA caso esse texto seja aprovado pelo Senado, sancionado pela Presidência da República e a publicado no Diário Oficial da União.

# Decepcionante

Governo desaponta produtores rurais ao apresentar um plano com aumento nos juros e sem novidades de políticas de gestão de risco

Por Pedro Loyola e Tânia Moreira Alberti | Economistas do DTE/FAEP



Dilma Rousseff e Kátia Abreu: pacote com juros mais altos e aumento discreto nos recursos

Naquilo que deve ser um dos últimos atos oficiais desta gestão, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) divulgou na quarta-feira, 4 de maio, o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) para a safra 2016/17. A CNA, a FAEP e diversas entidades representantes do setor produtivo não compareceram ao evento por não terem tido participação na formulação das políticas e também para não emprestar apoio a uma gestão que está prestes a se encerrar. Após o anúncio, a avaliação é de que boa parte das medidas adotadas decepcionou os produtores rurais. A agropecuária, único setor que tem apresentado resultados positivos para a economia brasileira foi penalizado com aumento de taxa de juros pelo segundo ano safra seguido.

O governo aumentou a taxa de juros entre 0,75 a 1,5 ponto percentual, dependendo da linha de financiamento. A taxa de crédito do custeio passou de 8,75% para 9,5%. Nas linhas de investimento, como aquisição de máquinas, equipamentos agrícolas e inovações tecnológicas, dentre outros programas vinculados ao BNDES, os juros foram estabelecidos entre 8,5% a 12% (antes estavam entre 7,5% a 10,5%), dependendo do programa.

O aumento nos juros representa elevação dos custos de produção para a safra de verão que começa a ser plantada no segundo semestre de 2016. Além disso, os juros de investimento continuarão a inviabilizar a tomada de empréstimos em linhas como o Programa ABC e Programa de Construção e Ampliação de Armazéns (PCA).

Já o aumento de volume total de recursos de 8% para o crédito rural (de R\$187,7 na temporada 2015/16 para R\$ 202,88 bilhões na safra 2016/17) não recompõe a inflação do IPCA, acumulada de 10,67% em 2015. O crédito para custeio com juros controlados aumentou 20%, de R\$ 96,5 bilhões para R\$115,8 bilhões, um dos poucos pontos positivos do plano. Vale ressaltar que R\$ 10,25 bilhões dos R\$ 19,3 bilhões de aumento de crédito de custeio terão como fonte as Letras de Crédito do Agronegócio (LCA), com juros de 12,75%. Outro ponto positivo foi para a pecuária de corte. A linha de investimentos para aquisição de animais para recria e engorda passou para modalidade custeio (24 meses). Além disso, houve redução real de volume de recursos (descontada a inflação) nas linhas de investimento. O aumento nominal foi de apenas 2%, passando de R\$ 33,3 bilhões para R\$ 34 bilhões.



Desde julho de 2015, quando o governo aumentou os juros dos programas do BNDES, esses financiamentos apresentaram significativa redução de contratos devido a quatro fatores: o próprio aumento de juros inviabiliza a contratação; com a crise do país, os produtores colocaram o pé no freio em novos investimentos; nos quatro anos anteriores a demanda reprimida por crédito de investimento foi atendida com melhores condições de financiamento de juros acessíveis e prazos de pagamento; e, por último, os agentes financeiros se tornaram mais exigentes na concessão de crédito. Isso explica porque a venda de máquinas agrícolas teve reduções superiores a 40% no último ano safra, por exemplo.

Quanto ao limite de crédito de custeio dos produtores, houve aumento de R\$ 1,2 milhão para R\$ 1,32 milhão por safra, elevação de 10%, menor que os aumentos de custos de produção da maior parte das atividades agrícolas. Além disso, no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) o aumento do limite de crédito para custeio foi de R\$ 710 mil para 780 mil.

No entanto, o MAPA aumentou os juros da linha de investimen-

to do Pronamp de 7,5% para 8,5% e reduziu os recursos programados dessa linha em 20%, passando de R\$ 5,3 bilhões para R\$ 4,2 bilhões. Com esse plano, o governo não conseguiu editar medidas diferenciadas para dar amparo aos médios produtores nos últimos anos, antes vistos como prioridade no MAPA.

A FAEP, em conjunto com a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab) e com apoio dos sindicatos rurais, produtores e técnicos, havia enviado ao MAPA um documento com mais de 70 propostas ao PAP. O setor produtivo esperava a redução das taxas de juros, especialmente na linha de custeio e nos investimentos do PCA e do Programa ABC, o que contribuiria para reduzir os custos de produção no campo.

Além disso, foram apresentadas propostas de políticas para a Gestão dos Riscos Agropecuários, solicitando melhorias nas regras no Proagro, Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), na Política de Garantia de Preços Mínimos e no Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC). Porém, a Gestão dos Riscos ficou de fora do anúncio do PAP 2016/17.

## O PAP em resumo (Veja a seguir as principais medidas do PAP 2016/17)

**TAXA DE JUROS** - Aumentou em todos os segmentos. Veja a evolução em relação à safra passada.

### TAXA DE JUROS (% AO ANO)

LINHAS CUSTEIO	2015/16	2016/17
Custeio	8,75	9,5 e 11,25 (1)
Pronamp custeio	7,75	8,5
Funcafé	8,75 e 10,5	9,5 e 11,25 (2)

LINHAS INVESTIMENTO	2015/16	2016/17
Moderinfra (agricultura irrigada)	7,5	8,5
PCA	7,5	8,5
Inovagro	7,5	8,5
Moderfrota	7,5 a 9,0	8,5 a 10,5 (3)
Prodecoop	8,75	9,5
Procap-Agro	7,5 a 10,5	8,5 a 12,0 (4)
ABC	7,5 a 8,0	8,0 e 8,5 (5)
Prorenova	TJLP + outros	75% da TJLP+ 25% da Selic
Moderagro	8,75	9,5
Pronamp	7,5	8,5
Recursos obrigatórios	8,75	9,5

Fonte: MAPA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP. (1) FGPP (2) Funcafé (giro) (3) De acordo com a ROB. Até R\$90milhões taxa de 8,5%. Acima disso, taxa de 10,5% (4) Cotas partes e giro (5) ABC - produtores do Pronamp e demais



## RECURSOS

O aumento do volume total foi de 8%, o que é insuficiente até para recompor a inflação.

## RECURSOS PROGRAMADOS COMPARATIVO

Custeio e comercialização (R\$ milhões)	2016/17	2015/16		(%)
Crédito rural	81.510			
Pronamp	15.700	13.600	▲	15%
Funcafé	4.632			
Fundos constitucionais	1.743			
Estocagem de álcool	2.000			
LCA (taxa de 12,75%)	10.250			
<b>Custeio e comercialização (recurso controlado)</b>	<b>115.835</b>	<b>96.500</b>	▲	<b>20%</b>
<b>Recursos livres</b>	<b>53.000</b>	<b>53.000</b>		
<b>Total custeio e comercialização</b>	<b>168.835</b>	<b>149.500</b>	▲	<b>13%</b>

Investimento (R\$ milhões)	2016/17	2015/16		(%)
Moderinfra(irrigação)	550	290	▲	90%
PCA	1.400	2.000	▼	-30%
Inovagro	1.245	1.400	▼	-11%
Moderfrota	5.050	3.650	▲	38%
Prodecoop	2.430	1.600	▲	52%
Procap-Agro	2.270	1.990	▲	14%
ABC	2.990	3.000		
Prorenova	1.500	1.500		
Moderagro	640	400	▲	60%
Pronamp	4.240	5.300	▼	-20%
Fundos constitucionais	4.610	-		
Recursos livres/demais	4.675	4.900	▼	-5%
Recursos Obrigatórios	1.500	-		
Diversos equalizados	945	-		
<b>Total investimento</b>	<b>34.045</b>	<b>33.300</b>	▲	<b>2%</b>
<b>Volume total disponibilizado (R\$ milhões)</b>	<b>202.880</b>	<b>187.000</b>	▲	<b>8%</b>

Fonte: MAPA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP.

# Pobreza rural, pobreza de ideias

Por Zander Navarro e Eliseu Alves



Qualquer ação governamental posterior à crise atual, caso seja desenhada uma estratégia consistente e realista, precisará considerar as tendências principais de transformação hoje em curso nas regiões rurais. De um lado, ampliar ainda mais a extraordinária riqueza que o setor agropecuário vem gerando, estimular a conquista de novos mercados, bem como fomentar a industrialização das matérias-primas agrícolas, adensando seu valor agregado. Se assim for, em dez anos, ou até menos, o país se tornará o maior produtor de alimentos do mundo. De outro lado, contudo, a sociedade brasileira precisará decidir sobre a maioria de famílias rurais pobres que está condenada a desaparecer no

mesmo período, em face da forte concentração da renda atualmente verificada nas regiões de produção do nosso vasto interior.

Os números são simples de ser expostos. Dos 4,4 milhões de estabelecimentos rurais validados no último levantamento censitário, apenas 500 mil responderam por quase 90% do valor bruto da produção. Dentre estes, apenas 24 mil produziram a metade do valor! Os demais 3,9 milhões de imóveis resistirão nos próximos anos?

Desse grupo, 2,9 milhões são estabelecimentos rurais onde moram famílias extremamente pobres, como conjunto familiar retirando apenas meio salário mínimo de rendimento bruto mensal com a agricultura. Vivem, em especial, no Nordeste rural e são

famílias envelhecidas que também recebem transferências do Bolsa Família e aposentadorias rurais. Por isso, gradualmente estão abandonando a atividade agrícola própria e passando a comprar seus alimentos, embora continuem morando em áreas rurais.

Sobraría o outro milhão de propriedades, onde vive uma baixa classe média rural, pois sua renda equivale a um salário mínimo mensal por pessoa, considerando a média de quatro moradores por domicílio. Esse grupo se distribui por todas as regiões, embora seja expressivo nos três Estados sulistas.

Esse é o sintético quadro numérico e espacial da realidade rural em nossos dias. Como o Censo é de 2006, os dez anos passados acentuaram ainda mais as assimetrias aqui sintetizadas. E sobre esse quadro estrutural vêm predominando duas visões alternativas de interpretação e de ação governamental. Infelizmente, ambas estão erradas.

A primeira e dominante leitura sobre o padrão do nosso desenvolvimento agrário e agrícola é a que argumenta não existir uma solução agrícola para o problema da pobreza rural. Não haveria chance alguma de observar aumentos de renda para os mais pobres em razão de suas atividades agropecuárias. São muito pobres, com terra e recursos de menos e, portanto, seria ocioso insistir em que plantassem ou criassem animais, pois continuarão pobres.

Nenhuma autoridade faz tal afirmação de público, mas, concretamente, é a seguida pelos governos contemporâneos, incluindo o atual. Finge-se que algo está sendo feito, mas tacitamente se aceita que o melhor caminho é deixar que as migrações esvaziem o campo e, portanto, em algum tempo, teremos uma poderosa agropecuária, como setor econômico, mas enraizada em regiões rurais com raros agricultores e sem vida social.

Seguindo essa interpretação, conclui-se que as políticas destinadas às propriedades de menor porte econômico têm sido incapazes de integrar maior número aos mercados e gerar renda para uma proporção mais significativa de famílias rurais. São políticas públicas que persistem com o roteiro de décadas atrás, sem se adequarem às exigências de uma agricultura que vem passando por uma revolução tecnológica.

Já a segunda interpretação é bizarra, pois defende a retórica de um tempo remoto e ignora as transformações ocorridas na produção agropecuária. É visão usualmente associada aos setores da esquerda agrária convencional, e insiste em reforma agrária e outros temas antes tão falados. Seu pressuposto é o que afirma ser a causa da pobreza rural a histórica concentração fundiária que prevaleceu desde sempre. Mas se assim foi no passado, à medida que a modernização capitalista veio transformando a economia agrícola, o peso da terra gradualmente se reduziu e não é mais um fator que responda pela pobreza rural. A terra explica hoje apenas 7%-8% do crescimento da produção, enquanto a tecnologia responde por dois terços da expansão verificada. Nas últimas duas a três décadas, a variável que amplia as distâncias sociais e a desigualdade no campo vem

sendo, sobretudo, a intensificação tecnológica numa parte dos estabelecimentos rurais, os quais se integraram virtuosamente aos mercados, tanto o interno como o global, apropriando-se de proporções crescentes da riqueza gerada. No outro extremo, a vasta maioria dos demais produtores permaneceu à margem do processo de transformação produtiva e, portanto, foi ficando cada vez mais para trás, sem capacidade de concorrer com os imóveis rurais modernizados.

Não obstante a imensa importância econômica da agropecuária, pois é o único setor que vem crescendo positivamente, alavancado por ganhos contínuos de produtividade, não temos tido a capacidade de interpretá-lo corretamente. O resultado é que as políticas públicas para os mais pobres do campo têm sido erráticas, equivocadas e fora de seu tempo, enquanto a produção agropecuária empresarial continua se expandindo em ritmo e eficiência que impressionam. Já milhões de famílias rurais pobres, encurraladas em face do seu desamparo, parecem estar condenadas à migração para as cidades.

É surpreendente que a sociedade não esteja discutindo esse tema e, particularmente, a contribuição potencial da agropecuária para a redução da grave crise que nos aflige. O destino de quase 3 milhões de estabelecimentos rurais pauperizados e seus estimados 12 milhões de moradores não interessa aos demais brasileiros?

*Publicado originalmente em O Estado de S. Paulo, 13/04/2016)*



**Zander Navarro (foto) é sociólogo, pesquisador em Ciências Sociais. Eliseu Alves é doutor em Economia Rural, ex-presidente da Embrapa.**

# Os benefícios da classificação

Cursos ensinam o produtor a avaliar a qualidade de produtos como soja, milho, trigo, feijão e café

Por Hemely Cardoso



Entre os dias 18 e 20 de abril, o produtor de grãos Henrique Diego Mocellin, de Palotina, se dedicou a aprender o be-a-bá da classificação de soja, milho e trigo. Durante as aulas do curso Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal, do SENAR-PR, ele estudou a legislação da classificação vegetal e identificou os defeitos encontrados nos grãos. Nesta categoria, eles são avaliados de acordo com os seus aspectos e classificados como ardidos, queimados, fermentados, germinados, imaturos, esverdeados, amassados, partidos e quebrados, entre outros.

Ao longo dos três dias de curso, Henrique também aprendeu sobre a determinação da umidade dos grãos, assim como das impurezas e matérias estranhas. “Se tiver muita impureza é necessário fazer uma regulagem na colhedora. Isso evita perdas na hora de vender a produção”, observou o produtor, acrescentando que as

aulas foram muito produtivas. “O curso foi muito bom”, emendou.

Diante da importância desse processo, que envolve todas as frentes de produção, desde 1985 o SENAR-PR oferece cursos na área de classificação de produtos de origem vegetal. Hoje, há sete opções de capacitação na classificação de feijão, soja, milho, trigo e bebidas de café (Confira na página 13).

“É a classificação de grãos que determina o quanto o produtor está ganhando ou perdendo porteira adentro. É uma atividade que avalia a qualidade do produto e auxilia o agricultor no momento em que ele o entrega em uma unidade de recebimento”, definiu a engenheira-agrônoma Ivonete Teixeira Rasera, instrutora do SENAR-PR e especialista na área há 38 anos.

Segundo ela, quando o produto chega à unidade de recebimento é realizada uma coleta de amostra de acordo com regras de



Turma de produtores de Palotina com a instrutora Ivonete Teixeira Rasera

classificação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Depois disso, ela ocorre conforme as normas de recebimento de cada empresa. “Por isso o produtor deve ter conhecimento

sobre a classificação para saber os motivos dos descontos que são feitos no seu produto”, destacou Ivonete.

A engenheira-agrônoma colocou ainda que, com o resultado da classificação, o produtor pode identificar, por exemplo, o ataque de pragas como percevejo e até mesmo a temida *Helicoverpa hermigera*. “É fundamental que o produtor faça o treinamento de classificação oferecido pelo SENAR-PR para entender os percentuais apresentados pela impureza, matérias estranhas, umidade ou dos possíveis defeitos”, avaliou.

## Padrão

O MAPA determina um padrão para que a soja, por exemplo, seja classificada como um grão de qualidade. Há um limite de tolerância para cada aspecto do grão (observe na tabela abaixo). Assim como há uma regra de classificação para a oleaginosa, há para outras culturas como milho, trigo, feijão e sorgo.

### Limites máximos de tolerância, expressos em porcentagem, para a soja do Grupo II – Soja destinada para outros usos.

Tipo	Avariados					Partidos Quebrados e Amassados	Matérias Estranhas e Impurezas
	Total de Ardidos e Queimados	Máximo de Queimados	Mofados	Total <sup>(1)</sup>	Esverdeados		
Padrão Básico	4,0	1,0	6,0	8,0	8,0	30,0	1,0
Fora de Tipo	>4,0	>1,0	>6,0	>8,0	>8,0	>30,0	>1,0

(1) A soma de queimados, ardidos, mofados, fermentados, germinados, danificados, imaturos e chochos

# Os problemas de cada um

Entenda como cada grão de soja é classificado

## Defeitos graves

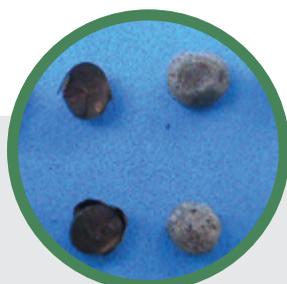
O grão poderá ser classificado de acordo com os defeitos graves, os quais comprometem a aparência, conservação e qualidade do produto, restringindo o uso. São os grãos ardidos, mofados e queimados. Confira:

- **Queimados:** grãos ou pedaços de grãos carbonizados. Causa: falta de controle no processo de secagem;
- **Ardidos:** grãos ou pedaços de grãos que se apresentam totalmente fermentados e com a coloração marrom ou escura, afetando a polpa. Causa: umidade e calor excessivos;
- **Mofados:** grãos ou pedaços de grãos que se apresentam com fungos (mofo ou bolor) visíveis a olho nu. Causa: falta de ventilação, umidade e calor excessivos.

## Defeitos leves

Nessa categoria entram os grãos que não se comprometem pela aparência, conservação e qualidade. São eles: fermentados, danificados, esverdeados, entre outros.

- **Fermentados:** grãos ou pedaços de grãos que, em razão do processo de fermentação, tenham sofrido alteração visível na cor do cotilédone que não aquela definida para os ardidos. Causa: umidade e calor excessivos;
- **Germinados:** grãos ou pedaços de grãos que apresentam visivelmente a emissão da radícula. Causa: umidade e calor excessivos;
- **Danificados:** grãos ou pedaços de grãos que se apresentam com manchas nas polpa, alterados e deformados, perfurados ou atacados por doenças ou insetos, em qualquer de suas fases evolutivas. Causa: falta de controle de pragas e doenças;
- **Danificado por percevejo:** quando for identificado na classificação, o resultado final do percentual encontrado é dividido por quatro, auxiliando o produtor quando a ocorrência for muito grande;
- **Esverdeados:** grãos ou pedaços de grãos com desenvolvimento fisiológico completo que apresentam coloração totalmente esverdeada no cotilédone. Causa: grãos colhidos antes da sua maturação.



*Queimados*



*Ardidos*



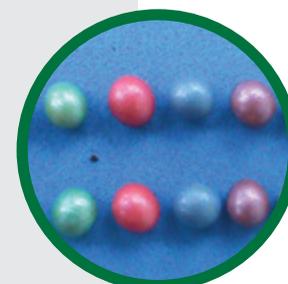
*Danificados*



*Danificados*



*Impurezas*



*Sementes tratadas*



*Sementes de mamona*

# CURSOS SENAR-PR



## Classificação do café por tipo de bebida

Carga horária: 16 h

**Conteúdo:** conceitos de qualidade de café; características dos cafés da micro região – município do curso; atributos de café; classificação da amostra; rebenefício do café; pontos de torra e degustação comentada.

## Classificação de grãos (feijão)

Carga horária: 8 h

**Conteúdo:** legislação da classificação vegetal; identificação de grupos; identificação de classes; identificação dos defeitos encontrados no feijão; enquadramento em tipos - qualidade do produto; determinação da umidade; determinação das impurezas e matérias estranhas; fora de tipo; desclassificado; amostragem para classificação de feijão, laudo e certificado de classificação.



## Classificação de grãos (integrado de grãos)

Carga horária: 32 h

**Conteúdo:** identificação de grupos; identificação de classes; identificação dos defeitos encontrados no trigo, milho, soja e feijão; enquadramento em tipos - qualidade do produto; determinação da umidade; determinação das impurezas e matérias estranhas; fora de tipo; desclassificado; amostragem para classificação de trigo, milho, soja e feijão; laudo e certificado de classificação.

## Classificação de grãos

(curso avulso para cada cultura: soja, milho, feijão e trigo)

Carga horária: 8 h

**Conteúdo:** legislação da classificação vegetal; identificação de grupos; identificação de classes; identificação dos defeitos encontrados na soja, milho, feijão e trigo; enquadramento em tipos - qualidade do produto; determinação da umidade; determinação das impurezas e matérias estranhas; fora de tipo; desclassificado; amostragem para classificação de soja, milho, feijão e trigo; laudo e certificado de classificação.

# O mito da formiga trabalhadora

Estudos mostram que boa parte dos insetos em um formigueiro parece estar sem fazer nada a maior parte do tempo

Por José Carlos Gabardo, engenheiro-agrônomo e assessor técnico do SENAR-PR



Quem não se lembra das fábulas de La Fontaine, que comparava os animais para instruir os homens? Exemplo típico é o da formiga e da cigarra, recontada e ainda hoje, e muito difundida.

A história mostra o sentido de trabalho entre esses dois insetos. A formiga é exemplo de labor, comparado a uma pessoa trabalhadora e atarefada; o formigueiro, sua “residência”, é semelhante ao local de atividade dos humanos, onde a distribuição de tarefas fundamenta-se nas características sociais, servindo para nós como um modelo perfeito de organização e também de especialização, que nos inspirou para atividades múltiplas com a indústria, a informática, a robótica e a logística.

E a cigarra? O epílogo é por demais conhecido.

Seria exatamente essa comparação verdadeira? Mito ou verdade?

Um recente estudo publicado na revista *Behavioral Ecology and Sociology* procura desvendar esse mistério.

Daniel Charboneau e Ana Dornhaus, autores e base teórica para o presente artigo, são biólogos da Universidade do Arizona.

Baseados nas constatações de diversos trabalhos anteriores, eles afirmam que, “nos formigueiros estudados, cerca de metade dos indivíduos pareciam inativos”. (BARTHÉLÉMY, 2015). Eles quiseram verificar e testar diversas hipóteses que pudessem explicar essa ociosidade, como por exemplo, uma necessidade de repouso imposta pelo relógio interno ou por excesso de trabalho.

## Metodologia do estudo

Para melhor entendermos a metodologia utilizada por esses biólogos que foram a campo em uma área próxima de Tucson, no Arizona. O método consistiu na coleta de cinco pequenas colônias de *Temnothorax rugatulus* (*Hym. Formicidae*), formiga norte-americana as quais foram instaladas em ninhos artificiais que imitavam as fendas de rochedos que essa espécie aprecia como habitat. Mas, em vez de serem completamente cercadas por rochas, os

insetos viviam sob uma placa de vidro para que pudessem ser observadas”. Tiveram a sua disposição, água, alimento mas também os grãos de areia que elas utilizavam para construir paredes em suas colônias. (BARTHÉLÉMY, 2015).

Para a identificação de cada inseto e analisar seu comportamento os pesquisadores colocaram, pacientemente, em todas as formigas uma combinação de quatro pontos de pintura – uma na cabeça, outra no tórax e dois no abdome, alguns dias antes de iniciar a pesquisa.

As cinco colônias foram filmadas, em 18 episódios de cinco minutos cada, ou seja, seis por dia, durante três dias, distribuídos ao longo de um período de três semanas. Registrar as imagens era a parte mais fácil do trabalho. O quebra-cabeça começou depois quando foi preciso analisar, para cada indivíduo todos esses vídeos. Os pesquisadores tinham como missão anotar todas as atividades que as formigas realizavam desde a manutenção do ninho até os cuidados ministrados aos ovos e larvas passando pelo abastecimento fora do formigueiro, a higiene pessoal e dos demais membros da colônia ou ainda a atividade de trofolaxia, que consiste em regurgitar uma parte do alimento ingerido em uma segunda espécie de estômago que serve de despensa para as formigas muito ocupadas que não têm tempo para se alimentar. E, é claro, os pesquisadores registraram os períodos de inatividade.

Dos 225 insetos acompanhados, surgiram quatro grandes categorias: as puericultoras (34 formigas), as operárias que trabalham fora do ninho (26 formigas), as generalistas (62 formigas) que fazem um pouco de tudo e, por fim, as ociosas (103 formigas) que fazem nada ou quase nada, independentemente do período do dia ou da noite que foram observadas.

Para os autores desse trabalho, citados por Barthélémy, 2015 deve-se constatar que nada, nem a necessidade de repouso, nem

um ritmo circadiano (período de aproximadamente 24 horas sobre o qual se baseia todo o ciclo biológico do corpo de um ser vivo influenciado pela luz solar) parece justificar essa inatividade quase permanente. As formigas que trabalham fazem aquilo que precisa fazer, independentemente do tempo que isso levará e não são substituídas por outras e não há turno de trabalho entre “elas”.

Os autores reconhecem que talvez três semanas não sejam suficientes para identificar uma função misteriosa que não seria compreendida pelos entomologistas.

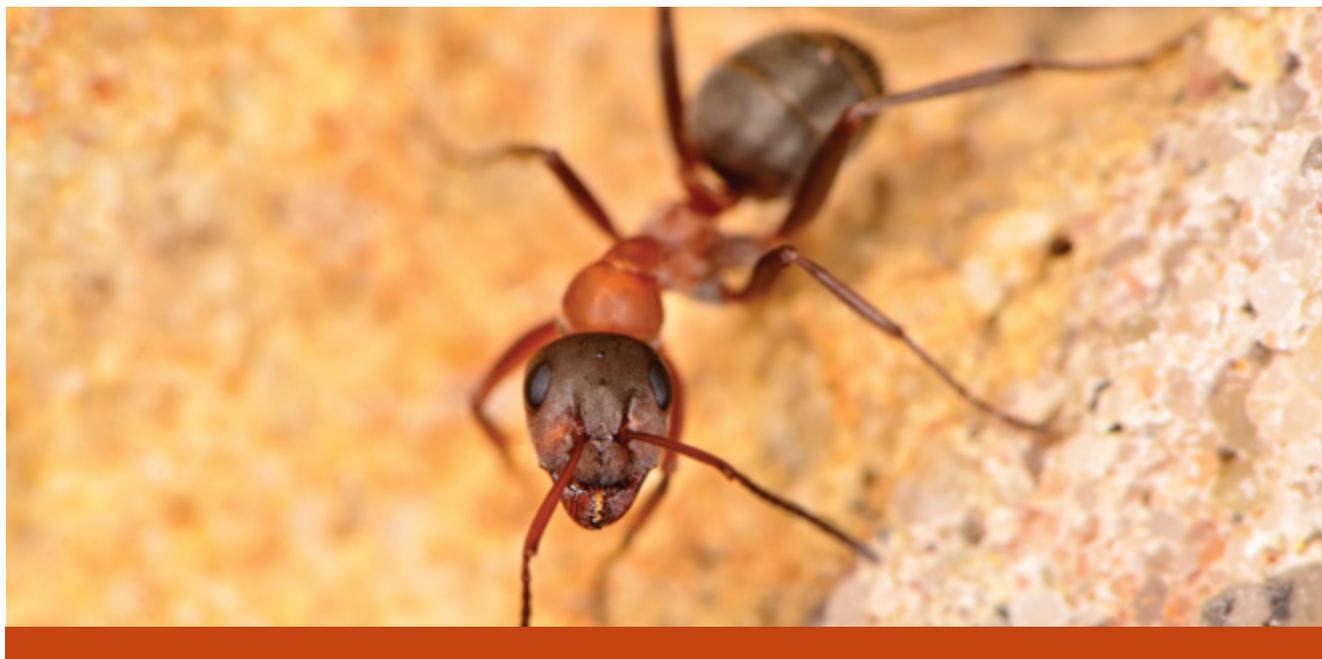
Tomer Czaczkes, da Universidade de Ratisbona, sugere que a ideia que essas formigas possam ser uma espécie de exército de reservistas, à espera de serem convocadas para defender a colônia ou fazer uma incursão de escravos em um outro formigueiro.

Daniel Charboneau e Ana Dornhaus, os dois autores do estudo, parecem tender para outras hipóteses. Como as formigas ociosas têm menos interações com as outras, elas poderiam não estar cientes que há trabalho à espera ou, ainda mais sutilmente, tentariam evitá-lo.

Um segundo, artigo publicado no Journal of Bioeconomics, Daniel Charboneau e Ana Dornhaus perguntam se a preguiça ou pelo menos o fato de que uma fração da população opta pela inatividade não seria a consequência natural de uma organização de trabalho complexo. A ociosidade, poderia ser, no final das contas como outra qualquer.

## Referência

BARTHÉLÉMY, Pierre. Estudo revela formigas ociosas e contesta fábula de “animal trabalhador”. Disponível em <<http://Noticias.vol.com.br/ciência/últimasnoticias/redacao/2015/10/02/estudo-revela-formigas-ociosas-e-contesta-fábula-de-animal-trabalhador.Htm>> acesso em 07 mar. 2016.





## PREVINA-SE DA GRIPE!

De uma emergência para outra: o frio do outono trouxe um alívio na propagação das doenças transmitidas por mosquitos, como a dengue e as febres zika e chikungunya, mas fez retornarem as preocupações com a gripe. E o problema é grave: segundo o Ministério da Saúde, mais da metade dos casos da doença registrados no Brasil são causados pelo vírus H1N1, responsável por uma das variedades mais agressivas em circulação.

Os dados oficiais disponíveis vão somente até o dia 16 de abril. Eles registravam a ocorrência de 1.365 casos de

infecção pelo H1N1 no país neste ano. Destes, 230 resultaram na morte do paciente. Mas as estatísticas fornecem um quadro parcial da doença, porque somente os casos mais graves acabam sendo notificados aos sistema de saúde.

Segundo os especialistas, há dois grupos principais de vírus da gripe (que, cientificamente, recebe o nome de influenza), o A e o B – há ainda um grupo C, que afeta os seres humanos, mas com menos ocorrências e baixa gravidade. Há diferentes tipos e subtipos desses vírus, principalmente no grupo A, e vários deles circulam

ao mesmo tempo nas epidemias sazonais de gripe. O mais preocupante, no momento, é o influenza A H1N1. É o mesmo tipo de vírus que provocou a grande epidemia que ficou conhecida como Gripe Espanhola, em 1918. Mas não é igual, porque o vírus da gripe muda constantemente. É por isso, aliás, que é tão difícil de ser combatido.

Os sintomas são semelhantes aos da gripe comum: febre, dor de garganta, dores musculares, tosse, espirro, congestão nasal, coriza. Só que, na variedade mais forte, a febre tende a ser mais alta e mais repentina, provocando calafrios. O vírus afeta, ainda, regiões mais próximas dos pulmões, o que pode resultar em pneumonias graves e de difícil tratamento. Segundo dados da Secretaria da Saúde do Paraná, em mais de 60% dos casos registrados aqui o paciente também apresentou conjuntivite. Também podem ocorrer tosse seca e contínua, diarreia, náusea e vômitos. Na dúvida, o melhor é recorrer a um médico ao surgirem quaisquer sintomas indicativos de gripe.

O tratamento é feito com medicamentos antivirais. O antiviral oseltamivir (cujo nome comercial é Tamiflu) tem tido bons resultados e é fabricado no Brasil no laboratório estatal Farmanguinhos, ligado à Fundação Oswaldo Cruz. A rede pública de saúde distribui o medicamento, sob receita médica.

## Sabonete, álcool, vacina...

O contágio da gripe causada pelo vírus H1N1 se dá da mesma forma que na gripe comum, pelo contato com gotículas de saliva da pessoa contaminada (através de tosse, espirro, pela respiração ou pela fala). Assim, algumas medidas simples ajudam a prevenir todas as formas de gripe, além de outras de doenças. Lavar as mãos com frequência e usar desinfetantes à base de álcool gel ajuda muito, principalmente ao voltar da rua e chegar em casa ou no trabalho. Evitar colocar as mãos na boca, no nariz ou nos olhos – o vírus entra no nosso organismo justamente pelas mucosas desses órgãos. Cobrir o rosto ao tossir e espirrar também ajuda e evitar a disseminação da gripe, assim como usar lenços descartáveis para assoar o nariz.

Além desses cuidados cotidianos, há a vacina. A Organização Mundial da Saúde mantém uma vigilância global

sobre os tipos de vírus predominantes e define a composição mínima das vacinas, que são consideradas pelos médicos seguras quanto a efeitos colaterais. Elas só devem ser evitadas por pessoas que tenham alergia à proteína do ovo (usada na formulação da vacina). O sistema público de saúde fornece gratuitamente para crianças de 6 meses a 5 anos, gestantes, idosos, profissionais da saúde, povos indígenas e pessoas portadoras de doenças crônicas e outras doenças que comprometam a imunidade. Quem não pertence a esses grupos pode tomar a vacina na rede privada.

## Suína e aviária

Em 2009, a Organização Mundial da Saúde classificou como “pandemia” – ou seja, uma epidemia de magnitude global – a infestação pelo vírus H1N1. No Paraná, escolas prolongaram férias, eventos foram cancelados e até algumas igrejas deixaram de realizar suas atividades, para evitar a disseminação dos vírus. Naquela época, a doença era mais conhecida por “gripe suína”. Já em 2013, a grande preocupação era com a ocorrência de H7N9, chamada de gripe aviária. Mas por que a referência a esses animais?

O vírus Influenza A não se limita a contaminar seres humanos. Ele pode atacar suínos, galinhas, patos, perus, baleias, focas, cavalos e cães. Segundo o Centro de Estudos de Doenças dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês), pássaros selvagens são o principal reservatório natural de todos os subtipos do vírus, e acredita-se que sejam a fonte da infecção em outros bichos e mesmo em humanos. Recentemente, estudos feitos na Guatemala detectaram Influenza entre morcegos, e desde então descobriu-se que animais desse tipo nas Américas Central e do Sul sofrem com a doença.

Na maior parte das vezes, as viroses causadas pelo Influenza A são assintomáticas ou pouco graves nas aves. Ocasionalmente, no entanto, esses vírus podem ser transmitidos para animais domésticos e, a partir deles, infectar o ser humano.

Entretanto, é bom deixar claro sempre: não é possível pegar gripe consumindo carne animal. Embora o mecanismo que leva esses vírus ao ser humano ainda não esteja totalmente claro, os cientistas já descartaram totalmente essa possibilidade.

# Desequilíbrio exige nova postura

Demanda cai e oferta aumenta, trazendo os preços no mercado internacional para um patamar abaixo do custo operacional



Participantes do 14º Congresso Pan-Americano de Leite, realizado no Chile, no final de abril, discutiram ações para driblar a super oferta e a queda na demanda, que pressionam os preços

A conjuntura atual, com aumento da oferta de produto e redução da demanda, colocou o mercado mundial em desequilíbrio. Em torno deste panorama, que requer atenção e o futuro incerto da atividade, principalmente em relação aos preços, mais de 600 profissionais do setor de diversos países estiveram reunidos no 14º Congresso Pan-Americano de Leite, organizado pela Federação Pan-Americana de Leitaria (Fepale) e a Federação de Produtores de Leite do Chile (Fedeleche), entre os dias 25 e 29 de abril, na cidade de Puerto Varas, no Chile.

O evento serviu de oportunidade para debater medidas que garantam uma segurança aos produtores de leite. Porém, alcançar essa estabilidade atrelada a lucro não será tarefa fácil, principalmente em função das projeções realizadas por alguns dos palestrantes. O analista sênior do banco holandês Rabobank no Brasil, o colombiano Andrés

Padilla, por exemplo, apontou as elevadas reservas de leite no mundo como maior causa de pressão nos preços.

“O desequilíbrio deve se agravar ainda mais, pois as projeções são de aumento na produção no Leste da Europa, com o fim das cotas, e nos Estados Unidos e a restrição da demanda por conta das crises em várias partes do mundo”, ressalta Ronei Volpi, presidente da Comissão Técnica de Leite do Sistema FAEP/SENAR-PR, que participou da reunião no Chile. China e países produtores de petróleo (cuja economia enfraquece com a queda no preço do óleo, nos últimos anos) estão reduzindo a importação nos últimos anos.

A prova do desequilíbrio atual está nos negócios envolvendo leite em pó. Há dois anos, a tonelada do produto chegou a ser comercializada a US\$ 5 mil. Atualmente, a tonelada no mercado internacional está, em média, US\$ 2 mil. “Oferta elevada gera esse efeito”, pontua Volpi.

## Brasil

O Brasil não passa imune a influência externa. Dentro os últimos anos, 2015 foi o pior em relação ao preço pago aos produtores. “O valor recebido está abaixo do custo operacional”, diz o presidente da Comissão Técnica de Leite do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Apesar de uma recuperação dos preços no ano em vigência, o cenário não é otimista. A demanda interna caiu em função

da crise econômica que assola o país. Atrelado a isso, o Brasil tem dificuldade de competir no mercado internacional por conta dos problemas logísticos, que encarecem o produto. Como se não bastasse, o leite dos vizinhos Argentina e Uruguai invadem o país, elevando ainda mais a oferta.

“Um acordo restringe a importação da Argentina em até 3,6 mil toneladas/mês, mas o Uruguai não aceita isso. Como o país consome apenas 30% do leite que produz, o restante é exportado, sendo o Brasil o principal mercado”, pondera Volpi.

## Futuro

Apesar das análises pouco otimistas, o Congresso serviu de palco para traçar estratégias para o futuro do mercado. Entre os palestrantes e profissionais presentes no evento, é unânime o fato de que a sobrevivência dos produtores e o equilíbrio do mercado passam pela inovação de equipamentos e segurança alimentar do setor primário e o desenvolvimento de novos produtos por parte das indústrias.

“O setor tem que acompanhar o mercado consumidor, que exige novos produtos, inclusive em relação à intolerância a lactose”, diz Volpi. “Um das pesquisas apresentadas no Congresso mostrou, entre outros pontos, que 40% dos entrevistados preferem não comer a lavar um prato. Ou seja, produtos que facilitem a vida dos consumidores precisam estar nas gôndolas”, afirma.



Cúpula do 14º Congresso Pan-Americano de Leite discutiu ações para o futuro do setor

# Perdas confirmadas

Levantamento da safra feito pelo Deral ratifica previsão de 1,25 milhão de toneladas a menos de soja. Qualidade do grão é variável

Por Fernando Aggio, Engenheiro-agrônomo do DTE/FAEP



O Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura (DERAL/SEAB) divulgou em 28/04/2016 o levantamento de estimativas e condições da safra 2015/16 no Estado do Paraná para as culturas de soja, milho, feijão e trigo. Seguem-se as informações do órgão, analisadas pela equipe do Sistema FAEP/SENAR-PR.

## 1. SOJA

A safra se encontra com 99% da área colhida no Paraná. A área plantada se concretizou em 5.274.875 hectares, 3% maior que a safra anterior. A produtividade inicialmente era de 3.436 kg/ha, mas devido a chuvas ocorridas tanto no plantio quanto na colheita, a estimativa ficou em 3.178 kg/ha, 4% menor que a safra 2014/15. A produção esperada no início da safra era de 18,08 milhões de toneladas, mas deve se concretizar em aproximadamente 16,75 milhões, confirmando a perda de 1,25 milhão de toneladas prevista

desde o mês de março.

A qualidade do produto foi variável, ocorrendo perdas por grãos ardidos, germinados e mofados em algumas áreas colhidas depois das chuvas do final de fevereiro nas regiões Norte e Noroeste do Estado. A produtividade também não foi uniforme, com áreas apresentando grande variação em lavouras de uma mesma região e até mesmo dentro de uma mesma propriedade. Apesar da menor produtividade, os preços pagos ao produtor foram atrativos e mantiveram a rentabilidade da cultura.

## 2. MILHO 1ª safra

A 1ª safra está com 97% da área colhida e o produto colhido apresentou boa qualidade. A área total plantada é de 423.695 hectares, sendo 22% menor do que a safra do ano anterior. A produção esperada é de 3.409.668 toneladas, 26% menor do que a produção da safra 2014/15. A produtividade esperada inicialmente

era acima de 8.500 kg/ha mas deve se concretizar em 8.053 kg/ha, 6% menor do que a safra 2014/2015. A queda de produtividade ocorreu devido ao excesso de chuvas na colheita e baixa luminosidade, com chuvas excessivas na fase vegetativa da cultura, no mês de novembro de 2015.

### 3. MILHO 2ª safra



A 2ª safra está com 100% da área plantada, sendo que 10% estão na fase de desenvolvimento vegetativo, 31% em floração, 53% no estágio de frutificação e 6% em maturação. Do total, 76% são consideradas em boas condições e 21% em condições médias e 3% em condições ruins.

A área total plantada é de 2.207.068 ha, sendo 14% maior do que a safra do ano anterior e a produção esperada é de 12.398.712 t, 7% maior do que a produção da 2ª safra de 2015. A produtividade esperada é de 5.621 kg/ha, 6% menor que a safra do ano passado e 3,5% menor do que a estimativa inicial da 2ª safra em fevereiro de 2016, que era de 5.824 kg/ha.

As regiões Norte e Oeste do estado sofreram com um período de mais de 20 dias com falta de chuvas e altas temperaturas no mês de abril, impactando a cultura e causando a diminuição da previsão de produtividade. A previsão de geada para o dia 28 não se concretizou nas regiões Oeste e Norte do estado e as baixas temperaturas registradas a partir do dia 27 aparentemente não causaram perdas significativas para a cultura.

### 4. FEIJÃO 2ª safra



A 2ª safra de feijão está com 100% da área plantada, sendo 6% em estágio de floração, 47% em frutificação e 47% na maturação. A área colhida é de 19% e o produto apresenta boa qualidade. A área plantada se concretizou em 205.459 ha, 2% menor que a da 2ª safra de 2015. A produção estimada é de 374.328 toneladas, 3% menor que a anterior e com rendimento estimado em 1.831kg/ha, sem diferença significativa para a produtividade da 2ª safra de 2015.

As lavouras sofreram com um período de estiagem no mês de abril, mas mantiveram uma expectativa de produtividade adequada. As baixas temperaturas registradas aparentemente não causaram grandes danos às lavouras das regiões de Guarapuava, Castro, Ponta Grossa e Pato Branco.

### 5. TRIGO

A safra de trigo 2016 tem uma área estimada em 1.155.605 ha, sendo 14% menor que a safra 2015. A produção esperada é de 3,48 milhões de toneladas, 6% maior que em 2015 e a produtividade é estimada em 3.008 kg/ha, 23% maior que a da safra passada. O plantio teve início no mês de abril e está com 3% da área plantada, 96% em estágio de germinação e 4% em desenvolvimento vegetativo. 99% consideradas em boas condições de desenvolvimento e 1% em médias condições. O plantio deve se intensificar no mês de maio nas regiões Norte, Oeste e Sudoeste, e em junho até a primeira dezena de julho nas regiões Centro-Sul e Sudeste, onde se concentra a maior parte das lavouras.

# Leite, iogurte, hortaliças...

Em Pato Branco, produtores conseguem agregar valor à produção diretamente na propriedade e obtêm grandes resultados

Por André Amorim



*Itacir e Carmem Festugatto conseguem diversificar a produção em uma propriedade de 7 hectares*

Há oito meses, o produtor Itacir Festugatto, de Pato Branco, passou por maus bocados na atividade leiteira. Problemas de mastite e um aborto prejudicaram a produção e geraram despesas extras. Coisa corriqueira quando se fala em atividade rural, que por natureza é repleta de imprevistos, mas que seria muito pior se todos os ovos da fazenda estivessem na mesma cesta.

Na propriedade de sete hectares, Festugatto dedica um hectare para a produção de hortaliças, que vende para mercados, restaurantes e para as merendas escolares estaduais e municipais. Essa possibilidade surgiu em 2009, quando foi criada a Cooperativa da Agricultura Familiar de Pato Branco, da qual o produtor foi o primeiro presidente.

De lá pra cá foram promovidas capacitações para que aqueles pequenos proprietários que trabalhavam com bovinocultura de leite incorporassem uma nova opção de renda na mesma propriedade. Além de hortaliças, foram realizadas ações de capacitação na área

de suinocultura e seus derivados, e de piscicultura. “Tudo que a agricultura produz a gente tenta incluir na merenda”, explica.

Quando decidiram criar a cooperativa, os produtores procuraram o Sindicato Rural de Pato Branco, em busca da expertise administrativa e legal para formalizar a iniciativa. “A Clemilda foi a mãe da cooperativa, ela nos deu todo o apoio e estrutura para a gente ir em frente”, afirma, referindo-se à secretária executiva do sindicato, Clemilda Dala Costa Marques Carneiro. Hoje a cooperativa conta com 80 associados na região, que têm como principal benefício o apoio na ponta da comercialização da produção.

“Para quem é pequeno produtor a saída é a diversificação” avalia Festugatto. “Se plantar um hectare de horta dá mais que dez hectares de grãos, pois gira a produção todo o dia. Além disso, para quem tem pouca terra é inviável comprar maquinário”, diz. Na sua propriedade ele produz salsa, cebolinha, almeirão, couve, alface lisa e crespa e chicória. São 8 mil unidades a cada 40 dias,



iogurte da marca Festugatto é comercializado diretamente nos mercados da região

vendidas a um preço médio de R\$ 1,50. “Em janeiro, só de horta deu R\$ 13.200,00” conta o produtor.

Na área do leite são 65 vacas, sendo 25 em lactação. Sua estrutura inclui uma sala de ordenha com capacidade para oito animais, e quatro são ordenhados por vez. Sua produção média é de 470 litros por dia. O produto é ensacado na própria propriedade com a marca Festugatto. É vendido nos mercados e direcionado para a merenda escolar. Parte do leite também é transformado em iogurte. Quem cuida dessa parte é a esposa de Itacir, Carmen Festugatto. “O iogurte que ele fazia era muito aguado, depois que eu peguei pra tocar até aumentaram as vendas”, brinca ela. A propriedade tem capacidade para produzir 300 litros de iogurte, mas a fabricação varia conforma a demanda, o produto é comercializado em embalagens de um litro nos sabores coco e morango.

Vendido nos mercados, o litro de leite é cotado em torno de R\$ 1,80, quando é destinado à merenda escolar, Festugatto recebe R\$ 2,05 por litro. O contrato para a merenda compreende a compra de 100 mil litros de leite e 8 mil litros de iogurte ao longo do ano. A produção excedente é entregue a um laticínio da região. “Se houver algum problema na produção eu não vou deixar de entregar para os mercados, senão eu perco o cliente”, diz.

## Organização na ponta do lápis

Para conciliar as duas atividades é necessário ter organização, principalmente na área financeira. “Se eu tiro dinheiro de uma atividade e coloco em outra, quando eu vou ver quebrei as duas atividades”, avalia. Para não haver imprevistos,

o produtor programa a cria das vacas durante a entressafra das hortaliças. Além disso, ele e a esposa mantêm um controle criterioso de entradas e despesas.

Na produção leiteira, o trabalho é essencialmente familiar, Itacir e Carmen trabalham na ordenha e o filho faz as entregas. Na parte de hortaliças ele tem um sócio para ajudar nas vendas.

“Pouca terra não é desculpa. Se você organizar, não dá muito trabalho. É preciso incentivar e motivar o produtor a explorar a propriedade”, avalia Festugatto.

Para se especializar na produção leiteira, a família buscou capacitações do SENAR-PR. Um dos cursos foi feito no Centro de Treinamento para Pecuaristas (CTP) de Castro, na região dos Campos Gerais. “O Sindicato de Pato Branco deu todo apoio financeiro”, lembra Itacir.

Outro projeto que vem dando suporte aos pequenos produtores do município é o Programa de Desenvolvimento da Agricultura (Prodeagri), da prefeitura de Pato Branco. Através dele, os agricultores podem captar, a fundo perdido, até R\$ 2 mil. “Parece pouco, mas para o produtor é um dinheirão. E eles não dão em dinheiro, dão em material”, afirma Festugatto. Para ser contemplada, a propriedade deve ter até três módulos rurais de Pato Branco e 80% da renda oriunda da agricultura.

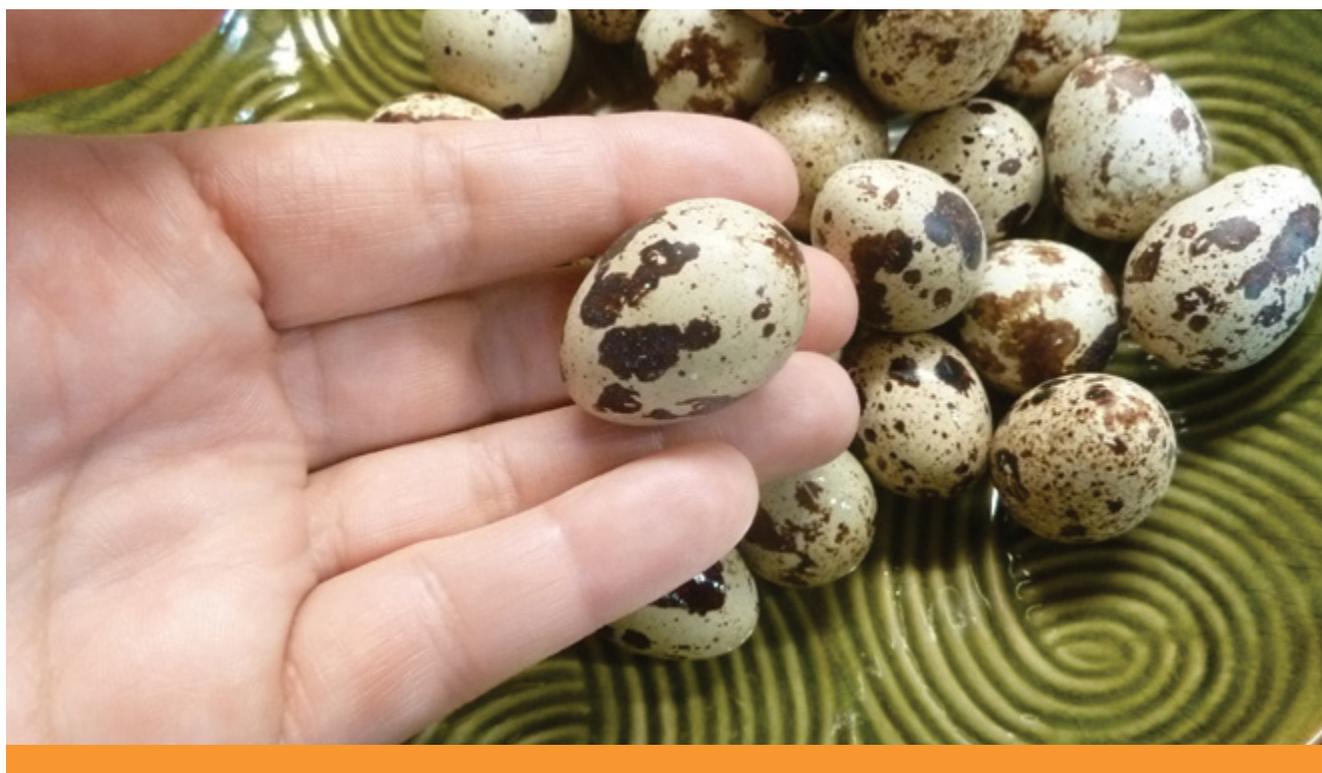
Para o produtor são três os grandes parceiros da atividade rural no município: a prefeitura (através do Prodeagri), a vigilância sanitária “nos ajuda muito na parte de legislação e sanidade”, e o sindicato rural “que nos ajuda em tudo”. Com isso o resultado é produção, renda e qualidade de vida para pequenos proprietários da região. “O nosso diferencial aqui é que as entidades são parceiras”, atesta o presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, Oradi Caldato.



Itacir: “Pouca terra não é desculpa”

# Pequeno ovo, grande negócio

Concentrada no Norte do Estado, produção de ovos de codorna vem crescendo no Paraná



O ovo de codorna já foi cantado em verso e prosa como santo remédio para recuperar o vigor e a vitalidade dos homens que já adquiriram uma certa idade. Não se sabe se a receita funciona, mas a iguaria vem sendo cada vez mais incorporada na gastronomia brasileira e é encontrada na maioria dos restaurantes e bares do país.

Comercializada na forma de conservas ou em dúzias, a produção de ovos de codorna vem crescendo. De acordo com a Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2014 (a mais recente até agora), naquele ano a produção brasileira foi de 392,73 milhões de dúzias, registrando um aumento de 14,7% em relação ao ano anterior. Naquele ano, o valor da produção total foi de R\$ 312,22 milhões, um aumento de 11% sobre o apurado em 2013.

Esse não é um fenômeno pontual, a série histórica do instituto mostra um crescimento constante na produção dos ovinhos nos últimos dez anos. Se em 2005 produzíamos pouco mais de 100 milhões de dúzias, em 2014 esse montante já era quatro vezes

maior. A produção dos animais acompanha o mesmo padrão. Em 2014, segundo o IBGE, as aves somavam 20,34 milhões de cabeças no país, um crescimento de 11,9% em relação ao ano anterior.

São Paulo é a "Meca" das codornas brasileiras. O Estado responde por 54,5% da produção nacional de aves e 59,3% da produção de ovos. Na sequência vêm o Espírito Santo e Minas Gerais, em ambas as categorias. A pesquisa trabalha apenas com a espécie *Coturnix coturnix*, conhecida como codorna comum. No Paraná a espécie que predomina é a *Coturnix japonica*, variante boa para a produção de ovos, mas de porte muito pequeno para produção de carne.

Em 2014, o Paraná contava com um plantel de 752.345 cabeças de codorna, a grande maioria concentrada na região Norte do Estado. Naquele ano a cidade de Apucarana contava com 260 mil cabeças e Arapongas com 234.600. Diferente de outros centros, por aqui as aves são destinadas quase que exclusivamente à produção de ovos. Em 2014 foram produzidas no Estado mais de 15 milhões de dúzias.

Parte dessa produção veio da granja de Jean de Faveri, em Santa Terezinha do Itaipu, na região Oeste do Estado. Desde 1994 na atividade, ele produz uma média de 8 mil ovos por dia, que industrializa e entrega diretamente nos supermercados e restaurantes da região. Ele conta que começou na coturnicultura (cultura da codorna) de maneira informal. “Comecei com 27 codornas que minha irmã comprou para usar os ovos pra fazer vitamina para os filhos, que tinham anemia”, conta.

Hoje, ele tem 10 mil animais em um barracão semiautomatizado, que lhe proporcionam uma produção de cerca de 180 vidros de ovos em conserva por dia. Cada vidro de 300 gramas da marca De Faveri leva entre 33 e 40 ovinhos e é vendido por R\$ 6,00. A quebra, segundo ele, corresponde a 10% da produção.

Há quatro anos, o produtor também vendia a carne de codorna, mas deixou a atividade por conta do mercado consumidor reduzido na região e a rotina das inspeções sanitárias feitas antes e após a morte dos animais. “Era muito burocrático”, enfatiza.

## “É melindrosa”, diz produtor

Em linhas gerais, a produção de codornas pode ser comparada à de frangos. São animais rústicos, com boa resistência a doenças, mas bastante sensíveis a temperaturas muito altas ou muito baixas. Também não lhes pode faltar comida nem água. São alojadas em conjuntos de gaiolas individuais de 20 x 15cm e 13cm de altura. “O manejo é mil vezes mais complicado que da galinha, não pode pegar vento nem entrar bicho na granja, senão aborta toda produção”, explica o produtor Edson Miyoshi, de Arapongas. “Ela é muito melindrosa”, completa.

Para fins comerciais, uma codorna tem vida útil de aproximadamente 12 meses. Nesse período, quando bem cuidada, ela pode botar até 300 ovos. Uma vantagem é a precocidade, aos 45 dias já está em idade reprodutiva. O consumo de ração por animal é, em média, de 25 gramas por dia.

Apesar de comerem pouco, foi o preço da ração que levou Miyoshi a reduzir a produção. “Hoje está entre 30% a 40% menor”, avalia. Segundo ele, o impacto no custo foi ocasionado pela recente alta nos preços do milho. Com uma capacidade para alojar 350 mil codornas, hoje ele trabalha com apenas 190 mil, que lhe proporcionam uma produção média de 180 caixas com 600 ovos (cada) por dia. Esse volume é entregue à indústria que processa e vende os alimentos com a marca de terceiros.

Há 19 anos na atividade, ele acredita que hoje o conhecimento para a criação de codornas já está dominado na região. Juntas, as cidades de Apucarana e Arapongas respondem por mais de 65% das codornas encontradas no Paraná. “Eu e o Horita começamos na produção no mesmo dia”, lembra Miyoshi ao referir-se ao produtor Márcio Horita, de Apucarana. Ambos encomendaram as primeiras aves em 1997 e a partir daí iniciaram a produção de ovos.

“Era uma época que esse setor estava em expansão, esta-

va na moda criar codorna”, lembra Horita. Segundo ele, naquela época havia mais de 40 criadores no Vale do Itaipu. Hoje, só ele permanece na atividade.

Com foco na produção de ovos, atualmente Horita possui 300 mil animais que produzem uma média de 200 mil ovos por dia. Sua propriedade tem capacidade para alojar 400 mil aves, mas, como o vizinho de Arapongas, também pesa sobre ele o alto custo da ração. “É mais concentrada do que a ração para frango”, explica o produtor, que formula o alimento na sua propriedade.

Na sua opinião, a baixa competitividade da carne de codorna está no preço e na nossa cultura alimentar, que não assimilou tão bem a ave quanto seus ovos. “Um quilo de frango custa seis reais, o quilo de codorna é o dobro”, compara. Em sua propriedade estão instalados 18 galpões de produção, um galpão de cria e recria, uma fábrica de ração e um galpão para industrializar os ovos. Cerca de 90% de sua produção são direcionadas para indústrias e chega ao mercado com a marca de terceiros. O restante ele mesmo industrializa e leva a sua marca, a Quails.

O descarte das aves velhas é fiscalizado pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP). No caso de Miyoshi, elas são destinadas para compostagem, mas ele pretende em breve adquirir um incinerador para facilitar esta etapa.

No caso dos três produtores ouvidos para esta matéria, as matrizes vêm de Assis, em São Paulo. Apesar de nenhum deles atuar mais com a venda da carne das aves, existe alguma oferta no interior, que denotaria a existência de abates clandestinos.

## Ovo em verso

O ovo de codorna povoa o imaginário do cancionista popular, sempre ligado às suas propriedades “nutritivas”. Uma das canções mais conhecidas sobre ele ficou conhecida na voz do saudoso Luiz Gonzaga.

*“Eu quero um ovo de codorna pra comer  
O meu problema ele tem que resolver (bis)*

*Eu tô madurão*

*Passei da flor da idade*

*Mas ainda tenho*

*Alguma mocidade,*

*Vou cuidar de mim*

*Pra não acontecer*

*Vou comprar ovo de codorna*

*Pra comer (...)*”



# Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

## RESOLUÇÃO Nº 08 - SAFRA 2016/2017

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 28 de abril de 2016 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em abril de 2016 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2016/2017, que passam a vigorar a partir de 1º de maio de 2016. Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de abril de 2016 conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

### PREÇO DO ATR REALIZADO EM ABRIL 2016 - SAFRA 2016/17 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

#### PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
62AMI	3,98%	55,23	3,98%	55,23
AME	14,34%	60,08	14,34%	60,08
EAC - ME	2,04%	2.412,75	2,04%	2.412,75
EAC - MI	28,94%	1.825,27	28,94%	1.825,27
EA - of	0,13%	1.741,42	0,13%	1.741,42
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-
EHC - MI	50,13%	1.596,06	50,13%	1.596,06
EH - of	0,44%	1.551,79	0,44%	1.551,79
obs: EAC - ME + MI + of	31,11%	1.863,42	31,11%	1.863,42
EHC - ME - MI + of	50,57%	1.595,68	50,57%	1.595,68

#### PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	3,98%	0,6262	3,98%	0,6262
AME	14,34%	0,6840	14,34%	0,6840
EAC - ME	2,04%	0,8489	2,04%	0,8489
EAC - MI	28,94%	0,6422	28,94%	0,6422
EA - of	0,13%	0,6127	0,13%	0,6127
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-
EHC - MI	50,13%	0,5860	50,13%	0,5860
EH - of	0,44%	0,5698	0,44%	0,5698
<b>Média</b>		<b>0,6232</b>		<b>0,6232</b>
obs: EAC - ME + MI + of	31,11%	0,6556	31,11%	0,6556
EHC - ME - MI + of	50,57%	0,5859	50,57%	0,5859

### PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - SAFRA 2016/17 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

#### PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,21%	55,23
AME	51,70%	56,19
EAC - ME	0,11%	2.412,75
EAC - MI	18,34%	1.617,89
EA - of	0,01%	1.741,42
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	29,61%	1.427,63
EH - of	0,02%	1.551,79

#### PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	0,21%	0,6262
AME	51,70%	0,6396
EAC - ME	0,11%	0,8489
EAC - MI	18,34%	0,5692
EA - of	0,01%	0,6127
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	29,61%	0,5242
EH - of	0,02%	0,5698
<b>Média</b>		<b>0,5927</b>

#### PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	64,72	72,29
PIS/COFINS	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>64,72</b>	<b>72,29</b>

Maringá, 28 de abril de 2016

**ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO** / Presidente

**PAULO ROBERTO MISQUEVIS** / Vice - Presidente

## Alerta de geada

No último dia 2 de abril, o Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar) e o Instituto Agrônomico do Paraná (Iapar) ativaram o serviço Alerta Geada. Elaboradas com 72 horas de antecedência, as previsões são reavaliadas duas vezes ao dia com base em dados de temperaturas, pressão atmosférica, ventos e umidade do ar desde a superfície até aproximadamente 15 mil metros de altura. Desde 1995, o Iapar, em parceria com o Simepar e a Emater, alerta os produtores sobre o risco de geada. Sempre que há risco de geada, um alerta prévio é emitido por e-mail ou SMS a extensionistas, técnicos e produtores rurais cadastrados. Se as condições para formação de geadas persistirem, outro aviso é enviado com 24 horas de antecedência da ocorrência prevista. Interessados em receber os avisos do Alerta Geada por e-mail ou SMS devem cadastrar-se em [www.iapar.br](http://www.iapar.br). O boletim informativo também está disponível pelo telefone (43) 3391-4500 ao custo de uma ligação para aparelho fixo.



## Maria Victoria na FAEP

A deputada estadual Maria Victoria (PP) esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, no dia 03 de maio, onde foi recebida pelo presidente da federação, Ágide Meneguette. Durante a visita de cortesia, a jovem parlamentar aproveitou para saber informações adicionais sobre as iniciativas que buscam dinamizar ainda mais a agropecuária paranaense.



## INFORME

Veja também no site  
[www.fundepecpr.org.br](http://www.fundepecpr.org.br)

### FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/04/2016

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	32.814.811,45	-	2.341.952,64	-	39.454.197,15
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.417.350,41	-	181.518,99	-	15.769.757,24
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.329.941,45	-	-	-	7.154.476,08
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	132.475,73	-	-	-	209.798,51
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	13.047,80	-	-	-	18.886,41
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	165.548,70	-	-	-	249.556,61
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.182,00</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>40.011.856,63</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.664.502,63</b>	<b>77.567,43</b>	<b>62.779.104,57</b>
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>								<b>62.779.104,57</b>
<b>Ágide Meneguette</b> Presidente do Conselho Deliberativo				<b>Ronei Volpi</b> Diretor Executivo				<b>Simone Maria Schmidt</b> Contadora   CO-CRC/PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

## Campina da Lagoa



### Agrinho

O presidente do Sindicato Rural de Campina da Lagoa, Célio Antônio Bueno, fez a entrega para as lideranças educacionais da nova coleção didática do Programa Agrinho 2016. O kit contendo materiais para alunos e professores foi repassado para a Secretaria Municipal de Educação e a APAE no dia 13/4.

## São João



### JAA

Teve início no dia 23 de março as aulas para duas turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). As turmas foram organizadas pelo Sindicato Rural de São João em parceria com os Colégios Estaduais Tancredo Neves e Campo São Luis, em Vila Paraíso. As aulas acontecem no horário contrário ao da escola regular. A instrutora dos estudantes é Vandressa Michele Mackievicz.

## Cidade Gaúcha



### Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Cidade Gaúcha realizou, em parceria com o Sítio São José, o curso de Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - Norma Regulamentadora 31.8, no período de 22 a 24 de fevereiro. Participaram 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Mauro Moreira.

## Cornélio Procópio



### Apicultura

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou, no período de 6 a 27 de fevereiro o curso Trabalhador na Apicultura I. Participaram 11 produtores rurais com o instrutor Luis Hiroshi Shimizu.

## Cianorte



## Prevenção a Incêndios

Nos dias 28 e 29 de março, o Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, realizou o curso de Trabalhador em Reflorestamento (matas homogêneas) - Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais. Participaram 15 trabalhadores com o instrutor Qohélet José Laniski Veres.

## Maringá



## Tratores

O Sindicato Rural de Maringá realizou, em parceria com a New Agro Máquinas Agrícolas, de 1 a 5 de março, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas - tratorista polivalente – intermediário. Participaram 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Newton Cardoso da Silva.

## Sertanópolis



## Comunicação

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou, nos dias 16 e 17 de março, o curso Gestão de Pessoas – Comunicação e Técnicas de apresentação. Participaram 19 produtores rurais com a instrutora Carmem Mercedes Zuan Benedetti.

## São Mateus do Sul



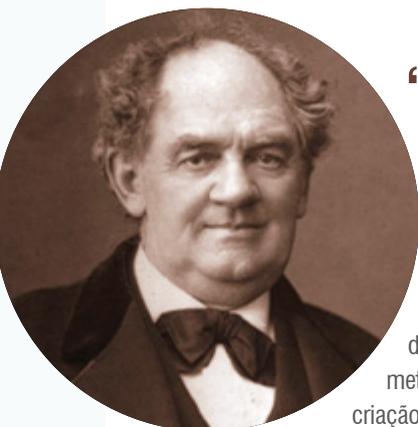
## Agrotóxico

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou, em parceria com o Sebrae, nos dias 6, 7 e 8 de abril, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxico - Pulverizador Costal Manual. Participaram 10 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Antônio Kreniski Júnior.



## Giz das antigas

Sucesso entre as crianças e presente em virtualmente todas as listas de material escolar, o giz de cera tem uma história antiga. Seu componente básico (cera com pigmentos) é conhecido desde os tempos do Egito Antigo e da Grécia Clássica. A ideia de colocá-lo em forma de bastões, entretanto, é mais recente. Pode vir do giz e do lápis pastel que já eram conhecidos e usados no século XVI. Na forma como o usamos hoje, o giz de cera é coisa do fim do século XIX.



## “Nasce um otário...”

Phineas Taylor Barnum, mais conhecido como P.T. Barnum, foi um dos nomes mais conhecidos dos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Sua grande criação foi um circo itinerante, no qual apresentava toda sorte de personagens – alguns reais, outros pura fraude, como a múmia de uma sereia (pelas descrições da época, provavelmente um corpo de macaco costurado a um peixe). Morreu durante uma das apresentações de seu circo, em 1891. Barnum também é conhecido por criar diversas frases de impacto. Uma de suas mais famosas: “a cada minuto nasce um otário”.

## Ameaça anônima

— Estou apavorado! Recebi uma carta em que um homem diz que me vai me matar se eu não me afastar da mulher dele.

— Fácil! Pare de ser sem-vergonha e deixe a mulher dele em paz!

— Fácil, nada! Acontece que o homem não assinou a carta...

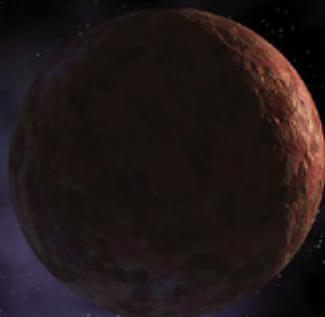
## O maior de todos

A diferença de extensão entre os rios Amazonas e o Nilo é de apenas 179 quilômetros – pouco mais que a distância entre Guaíra e Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná. Oficialmente, o Nilo é maior: tem 6.695 quilômetros, contra 6.516 quilômetros do Amazonas. Mas há controvérsias. Alguns geógrafos consideram lugares diferentes para a nascente do Amazonas, o que pode levar a extensão do rio para cerca de 6.800 quilômetros. Uma curiosidade a mais, para dar uma ideia da força do curso d'água sul-americano: o volume de água transportado pelo Amazonas é 74 vezes maior que o do Nilo!



## Você conhece Makemake?

Makemake é um planeta anão – a nova classificação criada em 2009 pela União Astronômica Internacional, que “rebaixou” Plutão, antes conhecido como o nono planeta do Sistema Solar. É também o mais distante do Sol entre dos quatro planetas-anões conhecidos (os outros são Plutão, Ceres e Eris). No mês passado, cientistas analisaram imagens do telescópio espacial Hubble e fizeram uma descoberta: Makemake tem uma lua! Em tempo: o nome do planetinha vem de uma deusa da mitologia dos rapa nui, primitivos moradores da Ilha de Páscoa.





## Hora do descanso

Nem tudo é trabalho na propriedade rural. Quando chega a hora do descanso, há sempre a vantagem de contar com um cenário tranquilo e relaxante – como este, da Estância Nossa Senhora de Fátima, propriedade de Albino de Matos Alves.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)



## Maiores pirâmides

As três maiores pirâmides já construídas foram as de Queóps, Quefrén e Cholula. As duas pirâmides são as mais conhecidas e recebem milhares de turistas todos os anos, pertinho do Cairo, capital do Egito. Já a terceira fica no México. Fica no alto de uma colina e, onde era o topo do templo, os espanhóis construíram uma catedral, em 1594. A base da pirâmide mede 270 por 295 metros.



## Mapa ou guardanapo?

A palavra guardanapo, em português, vem de uma expressão francesa, *garde-nappe*. O “guarda” tem o sentido de proteger. Nappe, por sua vez, é uma adaptação do latim *mappa* – um tipo de pano. As palavras evoluem e ganham novos sentidos. Os panos estendidos onde se desenhavam as paisagens de lugares distantes viraram *mappa mundi* no latim medieval. Aqueles colocados sobre a mesa, debaixo dos pratos, viraram *nappe* para os antigos franceses. Para guardá-los da sujeira provocada pelos comensais, colocava-se um paninho menor para cada pessoa – está aí o guardanapo!

## Coisa de nerd

Usada para designar uma pessoa “careta”, ligada nos estudos e fascinada por tecnologia, a palavra “nerd” é invenção de um famoso escritor infantil. O primeiro uso da expressão, em inglês, foi no livro *If I Ran a Zoo* (nunca publicado no Brasil, o título quer dizer algo como “Se eu tivesse um zoológico”). Na obra, de 1951, um personagem – uma criatura velha e zangada do zoológico é chamada — de “nerd”. A palavra pegou.



# UM FUTURO QUE NÃO DEU CERTO

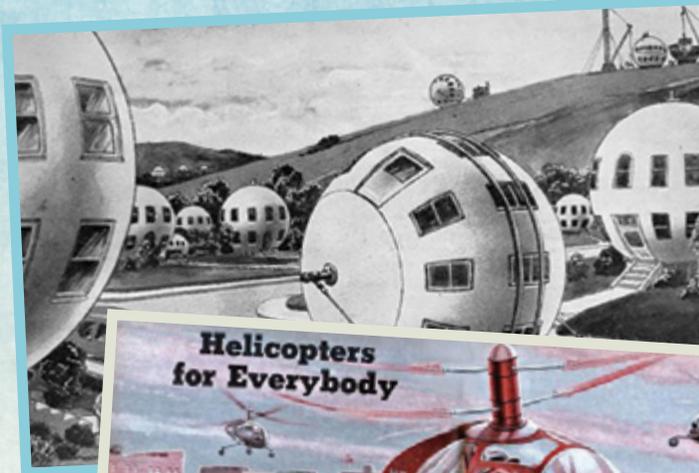
Futurologia nunca foi uma área muito confiável. Do mesmo jeito que ciganas e videntes escorregam mais que acertam ao tentarem adivinhar o futuro, diretores de tecnologia, presidentes de empresas, políticos e pesquisadores já largaram suas funções para anunciar como seria o mundo que estaria por vir.

Muitas das previsões são carregadas de preconceitos, como a do então presidente norte-americano Grover Cleveland. Em 1905, em plena efervescência da luta pelos direitos das mulheres, ele disse que mulheres sensíveis e responsáveis não gostariam de votar. Ainda no campo feminino, Margaret Thatcher foi responsável por outra previsão furada, para sorte dela própria. Em 1969, Thatcher disse que levaria tempo para uma mulher eleger-se primeira-ministra da Inglaterra que ela já não estaria viva quando isso acontecesse. Exatos dez anos depois, a péssima vidente foi empossada no cargo.

O físico escocês Lord Kelvin duvidou, em 1897, que o rádio fizesse sucesso. Em 1936, o jornal New York Times duvidava que o homem conseguiria deixar a atmosfera terrestre. Em 1927, um dos irmãos Warner (dos estúdios Warner Bros.) se perguntava por que os espectadores iriam querer ouvir a voz dos artistas. E William Preece, engenheiro do Correio Britânico, esnobava o telefone em 1878 por acreditar que o país "tinha muitos entregadores de mensagens".

Em uma época tão encharcada de tecnologia como a que vivemos hoje, muitas outras previsões têm sido feitas. Algumas são otimistas, outras são terrivelmente negativas – como a de que o aquecimento global tornará a região do Golfo Pérsico inabitável até o fim deste século. Quais delas se tornarão realidade e quais virarão piada nas próximas décadas?

**Façam suas apostas.**



#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE  
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br  
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo  
está disponível no site:

**sistemafaep.org.br**